

OS QUINTAIS QUE HABITAMOS E QUE NOS HABITAM

Da invencionática¹ à contaminação das cidades do Capitaloceno

THE BACKYARDS WE INHABIT AND THAT INHABIT US
From invencionática² to contamination
in the cities of the Capitalocene

Doriane Azevedo³ e Flora Monte Alegre Olmos Fernandez⁴

Resumo

Este artigo investiga o quintal como um lugar geopsíquico (que habitamos e nos habitam), onde as dimensões subjetivas e materiais se entrelaçam em uma “dobra topológica”, percorrendo memórias — do chão batido de Cuiabá às lajes de São Paulo — para desafiar a lógica produtivista no Capitaloceno. A partir do “prest’tenção”, da escuta, da “invencionática” de Manoel de Barros, e das “artes do notar” de Anna Tsing, o artigo reivindica o direito ao encantamento e aproximação das miudezas como ferramentas científicas. A partir desse percurso investigativo, o quintal é apreendido em diversas camadas como rugosidade, território de intimidade e “socialidade mais que humana”, capaz de contaminar a cidade e subverter a “expressão reta” da urbanização institucionalizada, transbordando seus limites e se aproximando do quintal e suas múltiplas manifestações - rua-quintal; parque-quintal; praia-quintal, criando tantas outras. Conclui-se que a poética dos quintais oferece brechas insurgentes para a construção de futuros habitáveis.

Palavras-chave: quintais; lugar geopsíquico; socialidade; artes do notar; “invencionática”.

Abstract

This article investigates the backyard as a geopsychic place (which we inhabit and which inhabits us), where subjective and material dimensions intertwine in a “topological fold,” traversing memories — from the beaten ground of Cuiabá to the rooftops of São Paulo — to challenge the productivist logic of the Capitalocene. Based on “prest’tenção”, listening, and Manoel de Barros’s “invencionática”, and Anna Tsing’s “arts of noticing,” the article claims the right to enchantment and the approximation of minutiae as scientific tools. Based on this investigative journey, the backyard is understood in several

1 “Invencionática” é um neologismo criado por Manoel de Barros, que significa a arte ou o campo da invenção, da imaginação e da criatividade poética, em oposição à “informática” (o informar), focando em dar novo sentido às coisas e criar o novo a partir do que parece sem importância, resgatando um olhar infantil para o mundo.

2 “Invencionática” is a neologism created by Manoel de Barros, which means the art or field of invention, imagination, and poetic creativity, as opposed to “informatics” (informing), focusing on giving new meaning to things and creating something new from what seems unimportant, reviving a childlike view of the world.

3 Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP. Cuiabana. Desde 2009, é docente na FAET/UFMT. Coordena o Grupo de Pesquisa e Extensão Estudos de Planejamento Urbano e Regional - ÉPURA e o Programa de Extensão ÉPURAinQUADRANTES, dedicando-se à análise crítica e ação propositiva de políticas de planejamento do território e da paisagem em Mato Grosso. Integra a Rede Quapá-SEL e o Observatório de Cidades, Vilas e Territórios Amazônicos - AMAZONICIDADES.

4 Doutora em Arquitetura pelo PROARQ. Paulistana. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Projetos de Espaços Livres Urbanos. Também atua na organização de oficinas e atividades de escuta, educação (cidadã e não formal) e participação com crianças. Integra os grupos de pesquisa PROLUGAR +SEL/RJ e Lab Quapá.

layers as roughness, a territory of intimacy and “more-than-human-sociality,” capable of contaminating the city and subverting the “straight expression” of institutionalized urbanization, overflowing its limits and approaching the backyard and its multiple manifestations— street-backyard; park-backyard; beach-backyard, creating so many others. It is concluded that the poetics of backyards offer insurgent loopholes for the construction of habitable futures.

Keywords: backyards; geopsychic place; sociality; arts of noticing; “invencionática”.

De onde partimos

Este artigo apresenta-se como um desdobramento crítico e sensível das atividades realizadas pelo Grupo de Pesquisa Pró-Lugar + SEL/RJ, durante o ano de 2024. Ao longo de cinco ciclos de discussões, transitamos por temáticas que relacionam paisagem e o habitar em diversas escalas⁵. No entanto, foi no ciclo intitulado “Os quintais que habitamos” que fomos atravessadas por uma necessidade de reflexão que extrapolasse o objeto geográfico e arquitetônico estrito, conduzindo-nos a um mergulho em nossas próprias subjetividades e memórias.

A proposta aqui delineada busca retomar as referências fundamentais que compuseram esse ciclo — a dimensão poética de Manoel de Barros (2015); a resistência da sociobiodiversidade urbana em Rita Montezuma (2023/2024); as releituras espaciais urbanas na Amazônia de Aelton Dias Costa (2016); a potência coletiva do projeto Fazendinhando de Ester Carro (2021); a noção de parque em rede e a valorização das relações socioculturais na implantação de corredores verdes, de Jacileda Santos (2024) e, ainda; atuação de Juliana Tângari, no projeto “Comida & Cidades”. Para lançar um novo olhar sobre o que o quintal representa para nós, compreendemos que investigar o quintal exige uma postura de “prest’tenção”, da “escuta”; do “olhar de perto e de dentro” (Magnani, 2002) e aplicar as “artes do notar” (Tsing, 2024), abordagens que nos levam a observar as miudezas e aquilo que é visto como “inútil”, desafiando a lógica automatizada da cidade Capitaloceno.

Nesta escrita, que assume o risco da errância e da poética como método, buscamos “transver o mundo” e “desformar” a realidade posta. Trata-se de exercitar o que a poética de Barros nos convida para com o olho vê(r) e a lembrança revê(r), mas é com a imaginação e o acolhimento do outro que permite subverter a “expressão reta” da lógica institucionalizada que não sonha e “transver o mundo”. O quintal surge, portanto, como rugosidade, memória e hospitalidade, um palco onde a vida cotidiana estabelece limites que nos permitem experimentar, criar e reinventar o mundo. Ao revisitarmos nossos quintais da vida — do chão batido da antiga Cuiabá aos terraços e lajes da metrópole São Paulo — questionamos como essa poética pode contaminar (no sentido proposto por Anna Tsing, 2024) a cidade e as práticas científicas, reivindicando geografias e arquiteturas mais plurais, inclusivas e encantadas.

5 Os cinco ciclos de discussões relacionaram os espaços livres, a(s) paisagem(ns) com o habitar, transitando por diversas temáticas e escalas - “as cidades, as ruas, os quintais, as fronteiras e infância que habitamos”, envolvendo leituras de textos literários e acadêmicos e palestras, apresentando diversas camadas de cada um dos temas de discussão.

Memória, poesia e lugar como caminho para Invencionática sobre quintais

Em seus poemas, brincando e errando com as palavras, Manoel de Barros nos dá pistas sobre o que explorava em seu quintal. Guiando-nos por um passeio pelos detalhes, revelava um microcosmo de intimidade só seu (e nosso?) de significado e beleza na simplicidade do cotidiano. Mas, qual era, realmente, o seu quintal? Da sua casa na cidade? Da sua fazenda no coração do Pantanal? Do seu Eu? Essas perguntas nos conduzem a dialogar com o entendimento de lugar geopsíquico (Dias, 2022), onde a dimensão interna possui maior peso que a externa na forma como nos relacionamos com o espaço. Para a estudiosa, o lugar se faz na linguagem; é uma "dobra topológica" que, como uma banda de Möbius, permite o trânsito contínuo entre o mundo interior e o geográfico, num movimento que altera e ressignifica o entendimento desses.

Passamos a assumir o quintal como (esse) lugar geopsíquico, que começa a (re) conhecer essa dobra contínua entre o mundo interior e o mundo exterior (e de um sobre o outro), e se constituindo na linguagem, no corpo e na memória, as experiências vividas se inscrevendo na paisagem, ao mesmo tempo em que a materialidade do lugar participa da constituição subjetiva daqueles que o habitam.

Juliana Dias (2022) nos auxilia com essa análise para além da morfológica, e que vem ao encontro de nossa proposta de entender o quintal como um lugar que se faz na linguagem e na intersecção entre os mundos interno e externo, onde a dimensão interior aflora de maneira mais intensa na forma como nos relacionamos com o espaço. Assim, a partir da memória, nos reencontramos com experiências e realidades vividas e, com a brincadeira com as palavras, também experimentamos criar outras realidades a partir do entrelaçamento dos nossos mundos externos e internos. É como nossa percepção de quintal, que não se limita apenas a um suporte físico atrás da casa, mas a (qualquer?) um território de intimidade e partilha que nos habita, em um processo constante de transformação e desformação.

É como pensar que esse quintal vai para a rua e, muitas vezes, pode ser a própria rua, como "Quando a Casa [Quintal] Vira Rua [Quintal]" (Arno Vogel et al., 1981), para ser visto por outros. Entretanto, essa fronteira é fluida. Quando os rituais de sociabilidade, como as cadeiras na calçada ou as festas de santo, ocupam o espaço público, ocorre uma inversão: o privado se torna significativo comum. Mas talvez, pensando em como esse quintal, ao nos contaminar, contaminava a (nossa) rua, a (nossa) cidade, o (nosso) mundo.

Essa fluidez entre dentro e fora, entre casa, rua e cidade, foi nos revelando que o quintal não podia ser definido apenas por limites físicos (rígidos), mas precisava revelar, também, as relações de intimidade, pertencimento e partilha. Quando o quintal transborda para a rua, não se trata apenas de ocupação do espaço público, mas da expansão de uma lógica de habitar que reconfigura o comum a partir do afeto, da convivência e da presença.

Essa contaminação, como definida por Tsing (2024), é a transformação a partir do encontro; é o que nos forma na medida em nos abrimos para os outros. O quintal, ao contaminar a cidade, propõe uma "socialidade⁶ mais que humana", onde humanos e não humanos criam mundos de forma colaborativa, apesar de uma predisposição individualista das relações capitalistas. Os poemas de Manoel de Barros nos trazem

⁶ Partimos da compreensão que sociabilidade é, normalmente, lida como relação de convivência em uma comunidade humana. Ao incorporarmos as reflexões de Anna Tsing (2024), passamos a nos apropriar do termo "socialidade" neste texto, apresentada pela estudiosa como um chamado para a descrição crítica de um mundo onde projetos de vida humanos e não humanos estão emaranhados e são inseparáveis.

múltiplos entendimentos para o habitar (a partir) dos quintais: desde que, a partir da potência desses espaços, há uma disposição interna para vivenciá-los. Em suas falas, "despalavras" que convoca para a intimidade, num sentido de misturar, perder as bordas entre um e outro, numa exposição íntegra que revela, sem um filtro de um certo raciocínio lógico que tolhe nossa existência e abre campo para a experiência.

Tendo em vista essas elucubrações, nesse exercício de escrita, ou nesse mergulho, que aceitava o convite para desvelar outras camadas desse mundo interior<>exterior - rua - cidade - mundo -, adentrar nesse quintal nos tornava corajosas, chegando devagarinho, que perguntamos: vocês estão dispostos a se contaminar?

Devaneios pelos quintais da memória

Aqui, a partir dos devaneios de nossas memórias sobre quintais, buscamos explorar os diversos significados e as relações com os temas, leituras, palestras, discussões ao longo (e depois) dos ciclos sobre o habitar.

Entre nós, havia uma criança que viveu entre quintais de chão batido de piçarra (Figura 1), da pedra canga e cristal, o lugar do brincar (ou eram iniciações das experiências místicas da vida?). Aprendia a manusear utensílios, imaginando cozinhar deliciosas comidinhas de terra e folhas. "Criava" vaquinhas e outros animais, combinando manga verde e palitinhos. Sob a sombra de mangueiras, cajueiros, jabuticabeiras, ateiras e o grande pé de cajazinho, acompanhava a vovó e a mamãe na lida de desenhar listras no chão com a vassoura piaçava, criando montes de folhas e frutas que alimentavam os pés das árvores e a horta.

Essas práticas cotidianas de manejo e cuidado materializam o que Montezuma (2023) denomina sociobiodiversidade, uma reserva de natureza domesticada onde a memória biocultural preserva saberes ancestrais através da oralidade. Repetíamos a história secular, de quintais cuiabanos que "salvaram uma cidade" durante períodos de isolamentos forçados pelas lutas e guerras. Nesses espaços, "[...] a varanda [...] aberta para o quintal, tornou-se um dos traços marcantes da casa cuiabana" (Freire, 1997). O quintal cuiabano, mapeado por uma geografia das texturas, cores e cheiros, é uma rugosidade que resiste ao tempo acelerado da metrópole, mantendo vivo o "olhar de perto e de dentro" (Magnani, 2002) que nos ensina a "prest'atenção" nas miudezas do mundo.

"A lembrança residual dos tempos de escassez e extrema penúria, vividos por Cuiabá no século XVIII, talvez tenha contribuído para que o costume de plantar quintais tenha lançado raízes tão profundas entre os cuiabanos" (Freire, 1997). O espaço do lote urbano, de características coloniais, obedecia a um padrão organizacional rigoroso: "corpo da casa, varanda e cozinha, pequeno pátio interno onde se localizava o poço, forno, plantas ornamentais; plantas medicinais horta e árvores frutíferas" distribuídas estrategicamente, dos cítricos próximos à casa às bananeiras e cajazeiras ao fundo. Essa estrutura, descrita por viajantes como Hercules Florence como um "aspecto risonho e pitoresco" (De Lamônica Freire, 1997: 81-85), revela o que Santos (2012) denomina rugosidades: pedaços de tempos históricos que resistem à homogeneização do espaço urbano.

Figura 1 - Registros das memórias nos quintais Cuiabanos, entre 1978 e 1980. Fonte: Acervo Fotográfico da Família Azevedo.

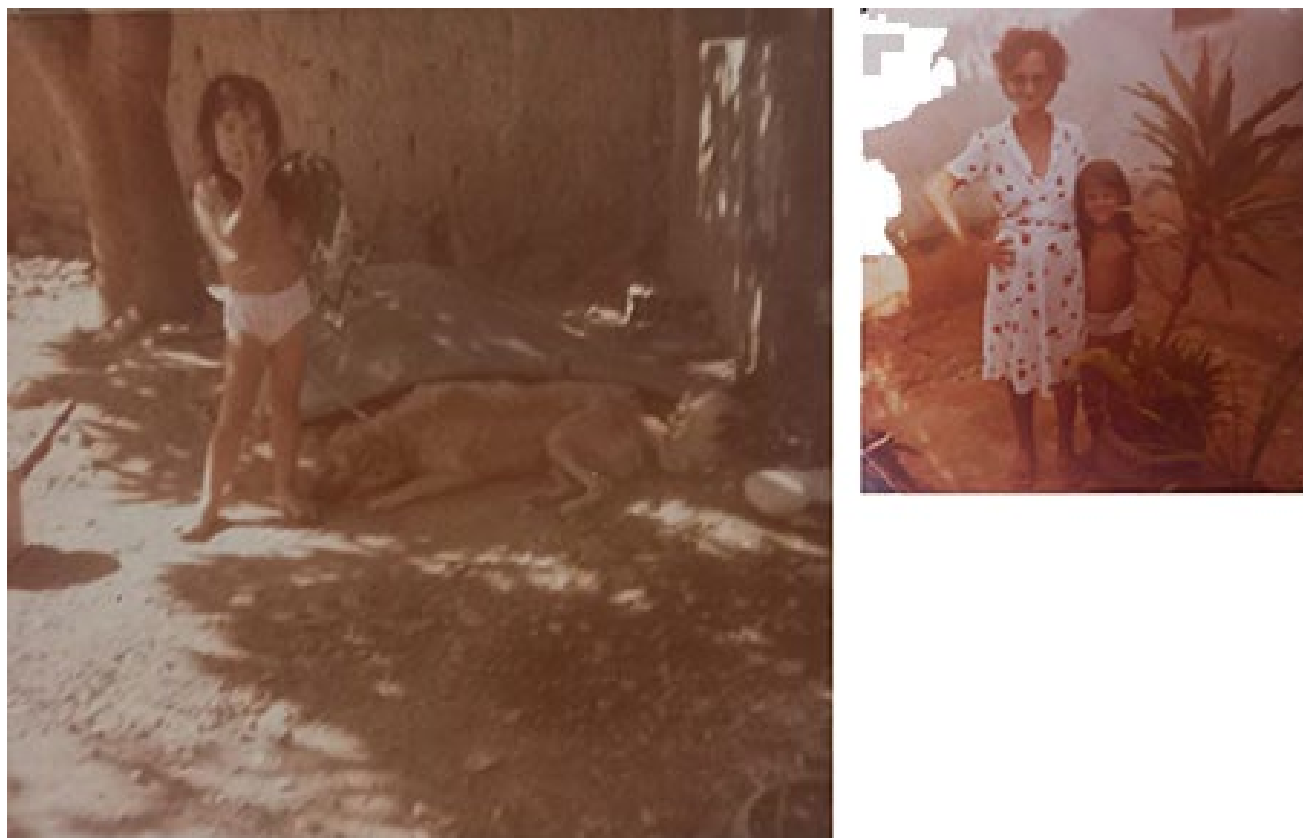


Figura 2 - Quintais, crianças e criação de mundos, 1990 e 1992. Fonte: Acervo Fotográfico da Família Fernandez.



Assim como os quintais cuiabanos e muitos outros brasis afora, com suas diversas culturas muitas vezes invisibilizadas por visões hegemônicas, Rita Montezuma (2025) fala da potência e multiplicidade de modos de habitar e sentidos dos quintais. Em sua pesquisa vinculada ao Quilombo Cafundá Astrogilda, destaca como os quintais quilombolas recolocam a relação entre a produção alimentar e a cidade. Nas bordas entre a cidade e a Floresta da Tijuca, essa forma de produção alimentar também amortece o impacto da urbanização e rompe com as separações binárias entre cidade-campo, cidade-floresta. Como as cidades poderiam incorporar as lógicas dos quintais? Essa perspectiva dialoga com a necessidade de incorporar essa lógica ao planejamento das cidades, conforme discutido por Juliana Tângari⁷, em sua palestra “Comida e Cidades”, que defende políticas para a transição dos sistemas alimentares com apoio de hortas urbanas e, por Jacileda Santos (2025), ao evidenciar que, a constituição de um sistema (em rede) de parques, é muito mais que ligar os elementos-parques, mas devem revelar as relações socioculturais de apropriações desses lugares, como no caso de Salvador.

Na sabedoria vernacular, Vovó e Mamãe ensinavam as primeiras lições etnográficas do “prest’tenção”, que se sedimentou como um imperativo de presença e sobrevivência. No comunicar cuiabano, “prest’tenção” era uma convocação que exigia alinhamento de todos os sentidos; o corpo todo deveria se dedicar aos conselhos, discussões, transcendendo o mero ato biológico de ouvir, para se tornar um gesto de entrega absoluta ao encontro. Décadas depois, compreendemos que esse gesto era, em essência, o “Olhar de Perto e de Dentro” (Magnani, 2002), um posicionamento epistêmico que valoriza as Miudezas, a Intimidade e a “Inutilidade”. Esse olhar permite a fluidez entre o público e o privado e constitui uma forma de resistência ao olhar “De Longe e de Fora”, característico da indiferença institucionalizada e dos apagamentos do Capitaloceno. Como aponta a metapoética de Manoel de Barros, esse exercício exige a “invencionática” para “transver o mundo” e encontrar a essência das coisas onde o raciocínio lógico não alcança. Acreditem, a Vovó e a Mamãe eram melhores que todas as Redes Sociais juntas, pois dominavam as “artes do notar” (Tsing, 2024), a escuta sensível, imprescindível para a sobrevivência colaborativa em qualquer tempo, especialmente em tempos de precariedade das relações.

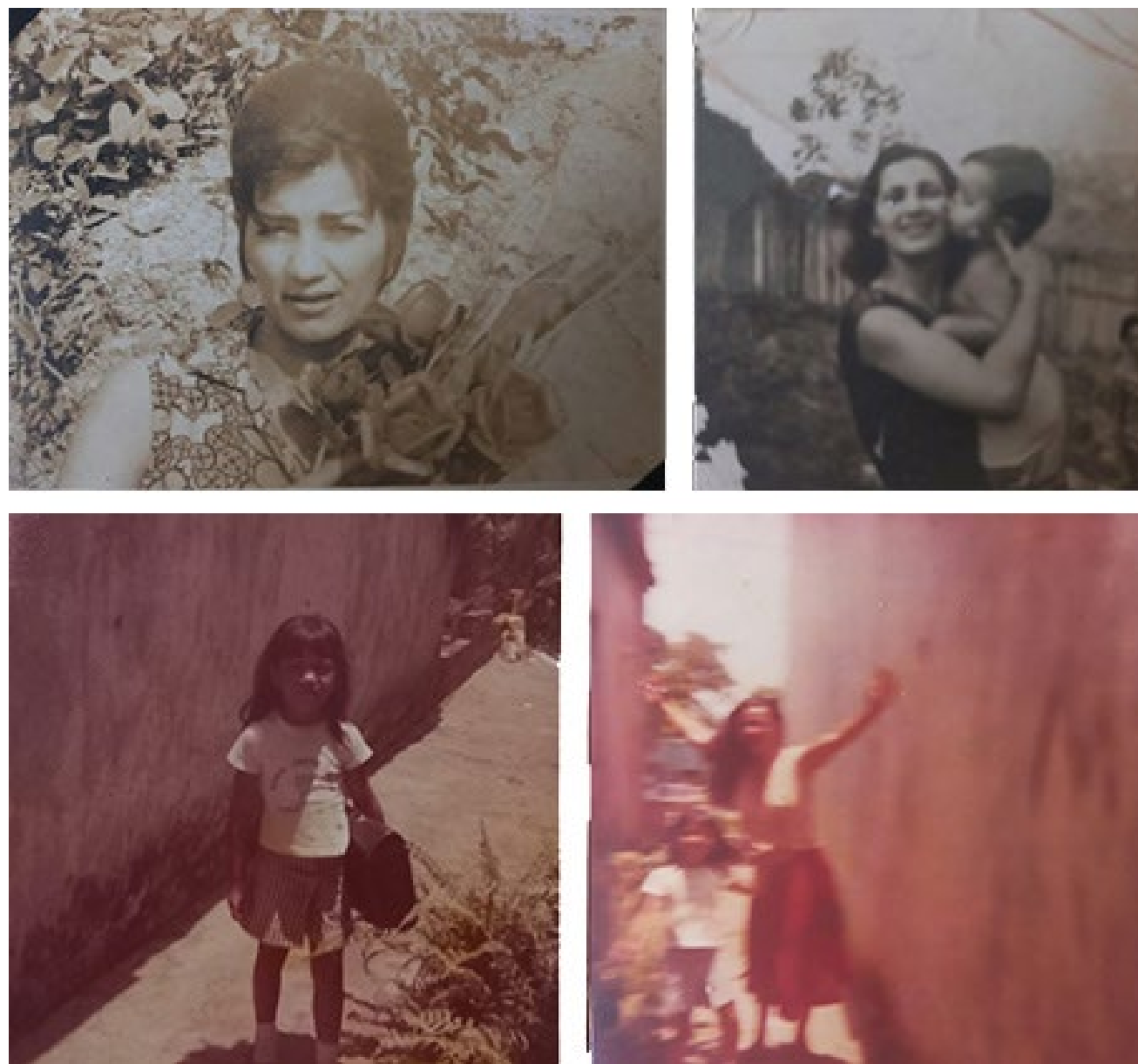
Entre nós, uma Paulistana jovem pesquisadora participou, em 2024, de uma série de atividades com a ONG CoCriança, realizando caminhadas com crianças pelo bairro e entorno escolar. Nessa vivência, percebeu-se outro tempo e outros modos de habitar a rua-quintal, que muitas vezes são tolhidos pela pressa dos adultos. Com as crianças entre 3 e 4 anos, a mudança de comportamento entre um passeio e outro foi reveladora: se no primeiro momento andavam de mãos dadas e com expressões mais contidas, na segunda vez, sentindo-se mais confiantes, experimentaram formas diferentes de percorrer o lugar. Passaram a brincar com os elementos no espaço público, explorando seus corpos em relação com o entorno, equilibrando em linhas e guias, subindo nas bolotas (balizadores de concreto), e se movimentando de uma forma mais livre, com gestos alegres e atentos.

⁷ No dia 25 de junho de 2024, Juliana Tângari, Advogada, Diretora do Instituto Comida do Amanhã, apresentou a palestra intitulada “Comida & Cidades” no encontro semanal do Grupo Prolugar + SELRJ. Dedicou sua fala na discussão sobre a relação entre sistemas alimentares e cidades, abordando desafios, potencialidades, regulamentação, fomento e incentivo nas agendas das agriculturas urbanas e rurais. O trabalho do Instituto se volta à implementação de ações que buscam ampliar o debate público e influenciar políticas para a transição dos sistemas alimentares.

Figura 3 - (Re)descoberta dos Quintais na Cidade Grande, 2003.
Fonte: Acervo Fotográfico da Família Azevedo.



Figura 4 - Quintais e o Cultivo da Vida em Família, acima, 1965 ou 66. Abaixo, 1981. Fonte: Acervo Fotográfico da Família Azevedo.



Essas crianças exercitavam as “artes do notar”, com uma curiosidade aguçada que observa tudo ao redor — o tempo, os ruídos, os animais e até o lixo —, coletando frutas, folhas e objetos que chamavam a atenção. Ao adentrar no quintal de um coletivo de mulheres, o tempo se lentificou nessa parte do percurso e as crianças ficaram compenetradas, e puderam conhecer e reconhecer algumas plantas comestíveis, também explorar a terra e interagir com minhocas. Essas experiências contribuem para nosso entendimento de que, as possibilidades de se tornar quintal dependem das condições internas e de um contexto que possibilita vínculos de confiança e que essa relação possibilita transformar a relação com o tempo.

Seus quintais foram contaminados pela experiência de conversar com as infâncias, influenciada, ainda, por encontros com Gabriela Romeu em palestras e publicações, que investiga os quintais da infância com “um olho virado para dentro e outro virado para fora”⁸, estabelecendo uma conversa de suas experiências de infância com os encontros com as crianças nos quintais. Em sua obra “Lá no meu quintal: O brincar de meninas e meninos de Norte a Sul” [do Brasil], Gabriela Romeu e Marlene Peret (2019), convocam a pensar o quintal em sentido de espaço de brincar, onde a disposição para a intimidade e o lúdico demandam um contorno, uma estrutura que estabeleça um limite e assegure um espaço de confiança para poder se arriscar, e se revelar com e para o outro. Este cenário é o que Winnicott (1975), em “Brincar e a Realidade”, define como espaço potencial: a zona indeterminada e aberta para experiência entre a realidade interna e a externa.

Essa perspectiva de lugar, que se faz na linguagem e no encontro de subjetividades, reforça a compreensão do quintal como um lugar geopsíquico, onde é necessário com-preender que o que vivemos em nosso mundo interior e que se faz presente nas relações que estabelecemos com o mundo externo, sendo que a dimensão interna possui, muitas vezes, maior peso na forma como nos relacionamos com o espaço, portanto, habitar a infância é uma abertura para a investigação das possibilidades de sentidos que os elementos compõem.

Também nos contaminamos pelas reflexões de Carol Classen (2023), que apresentou no Ciclo, “as Infâncias que habitamos”, reafirmando que as crianças possuem um modo próprio de experienciar a cidade — “criançar” — revelando uma curiosidade e disponibilidade para experimentar sentidos que remetem ao frescor dos primeiros encontros. É um outro caminho que também valoriza as miudezas e a inutilidade das coisas, abrindo uma possibilidade infinita de leitura e criação de mundos. Através dessa lente, o pequeno transforma-se em gigante: é a menina que se torna princesa quando veste vestido de flores, ou as crianças que brincam de comer (pedras) em seu quintal (Figura 2).

Nas restrições impostas às experiências nas metrópoles, sufocadas nas dinâmicas produtivistas sem espaço para relação mais próxima, e mesmo com a verticalização, o quintal também se apresenta em outros contextos, e vai recebendo outros nomes e dimensões: a área comum de edifícios, lugares que por muitas vezes perdem (ou ganham) sentido de quintal. Por outro lado, transforma-se em quintais os espaços de partilha do comum, da intimidade e do fazer coletivo.

8 <https://www.editorapeiropolis.com.br/jornalista-e-documentarista-gabriela-romeu-lanca-livro-com-etnografia-da-crianca-do-sertao/>

Figura 5 - Quintais de Vida e Morte, entre as décadas de 1940 e 50. Fonte: Acervo Fotográfico da Família Azevedo.



A Paulistana cresceu em um apartamento em uma cidade grande, mas isso não significa sem experiência de quintal. Com a casa sempre cheia, de crianças e adultos partilhando brincadeiras, transformando o que estava disponível em elementos que faziam parte das histórias que criávamos. Também cheia de atividades de muito movimento, escalando janelas, a barriga do papai e muros, dançando, correndo, pulando, andando de patins, em lembranças de muitos momentos de pouca supervisão de adultos. Essa capacidade de subverter a função original dos objetos, transformando o espaço doméstico em território de aventura, evidencia que o quintal, antes de ser uma métrica externa, é um lugar geopsíquico, e mesmo sob as restrições da cidade grande, a vida era cheia de atividades de muito movimento e envolvimento.

Nessa experimentação do corpo e do mundo, nem tudo era flores, quantos machucados! Brincando de saltar da mesa terminou em clavícula quebrada, corte na testa, ao escorregar no sofá, fora os inúmeros arranhões e torções: “Flora, coitada, ‘tá sempre machucada”. Memórias que ainda ressoam o desejo de testar os limites. Algumas experiências saíram caras, como entender a beleza de objetos de uma bolsa jogados pela janela do carro neste mundo capitalista, sem uma bronca “merecida”?

Na mesa, nas refeições, os sofás e camas eram os quintais de saber histórias do mundo e da família, partilhas de momentos memoráveis e travessuras da minha mãe durante a infância, perto dela éramos “boazinhas”. Essa partilha remete ao que Christian Dunker (2020) define como a dialética entre o comum e o íntimo. Para o autor:

A partilha do comum é também uma institucionalização da forma de fazer, de gerir e de agir junto. A partilha do íntimo é uma forma comunitária de estar, de dividir incertezas e promessas. Podemos pensar este comum como uma origem, mas também um comum por vir, um comum a construir. Tais zonas de indeterminação que constituem o comum e o íntimo podem ser definidas como uma espécie de furo ou de incompletude das esferas (pública e privada) (Dunker, 2020, p. 25).

Essas “zonas de indeterminação” manifestavam-se na criatividade absoluta. Uma vez em Itatiba, na casa de uma das amigas de minha mãe, criamos nossa própria casa, utilizando dos materiais de construção que ali estavam, analogias entre as formas dos objetos com os materiais transformaram tijolos de concreto em mesa, e pedras em bolo. Aqui, o quintal se configura não pelo suporte físico, mas pelas relações estabelecidas e pelo deslocamento para um tempo próprio. O quintal, enquanto espaço físico, era o espaço comum do prédio, as casas dos amigos, parques, as praias, em todos os lugares onde era possível um deslocamento para um tempo próprio, em momentos intensos de partilha, possibilitando experimentar diferentes interações não só com as pessoas, mas com os elementos que se encontravam nos lugares, vivenciando, através da imaginação, castelos, florestas e oceanos. Quantos mundos são possíveis de se criar nos quintais! Esse exercício de dar novos sentidos ao que é “inútil” é a própria “invencionática” em curso: a capacidade de desformar o mundo real para que o sonho semeie a realidade.

A transição para a vida adulta traz novas camadas a essa percepção. A Cuiabana, na casa dos 25, foi morar em apartamento em cidade grande, resignificando o quintal, e descobrindo que a cidade, e todas as suas belezas e mazelas, reproduziam em outra escala, as belezas e mazelas vividas nos seus quintais da infância (Figura 3). Essa percepção multiescalar (Montezuma, 2023) conecta o micro ao macro: o cuidado com o vaso na varanda é o mesmo cuidado necessário para com a floresta (urbana, das praças, dos canteiros).

Figura 6 - Parque-Quintal do Encantamento - Sítio Burle Marx, 2015. Fonte: Acervo Fotográfico da Família



Figura 7 - Praias-quintais - paisagem em transformação. 2022.
Fonte: Acervo Fotográfico da Família Fernandez.



Mas, ainda nas antigas memórias das conversas nos quintais, aprendíamos sobre as histórias e o cultivo da vida (em família): como a Mamãe vivia sua primeira juventude, e como gostava de cultivar flores, adorava samambaias, lírios do Amazonas e antúrios vermelhos (aqueles mesmos que adornavam nossa varanda e quintal) e também plantas medicinais. Entre o manejo da vida vegetal, que integra essa memória da sociobiodiversidade domesticada, e as manifestações de carinho, era o que permitia, a partir do quintal, a humanização do espaço diante da impessoalidade urbana, pois o quintal também era o lugar de momentos com seus filhos, momentos de carinho (cheios de abraços, beijos e cafunês), momentos de comemoração, como o primeiro dia de aula no Prezinho (Figura 4).

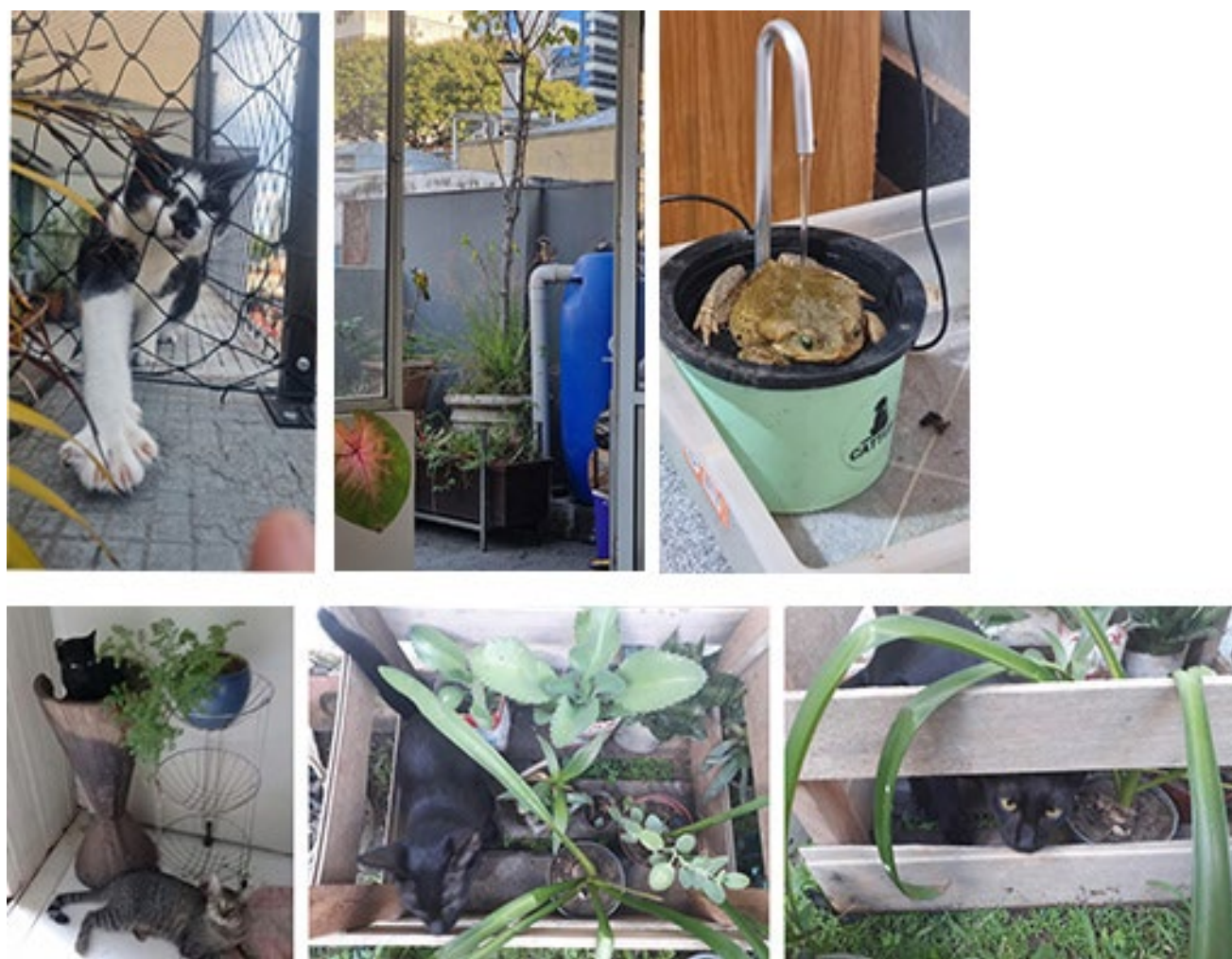
Contudo, o quintal não era apenas o lugar de vida, mas também o lugar onde aprendíamos que a vida é (in)finita. Nas místicas quintaladas dos velórios, era o espaço do experimentar e do conhecer, entre muitas coisas a (dor da) perda (Figura 5). Crescíamos sabendo da vida e da morte. Registros marcavam o sofrimento da Vovó ao perder dois de seus anjinhos, assim como o velório da (Bisa)Vó Cili - filha de Tundá, Índia Boróro e um português. No quintal, o luto era comunitário, silencioso ou ruidoso: as diferentes gerações e linhagens se conheciam: tios, tias, primos, agregados, e os amigos das famílias. Passávamos a (re)conhecer a diversidade humana em sua totalidade: aqueles que se recolhiam em um cantinho, apartados pela dor e pela saudade; outros, que tentavam mostrar que velório também era lugar de alegria, pela celebração da vida do morto. Ouvia-se sobre a “morte bonita” da Família Moura: morreram igual passarinhos, dão um suspiro fundo e o coração se despede. Quando os quintais acolhiam a morte como parte da vida, abrigavam o ritual coletivo da hospitalidade, revelam uma socialidade que aceita a vulnerabilidade e a impermanência como partes inseparáveis do habitar. O quintal, portanto, também era o lugar onde aprendíamos a ser humanos, cercados por plantas, afetos e o silêncio necessário para ouvir o coração se despedir.

Contato com mundo - resgate dos nossos quintais

Se, por um lado, o nosso espaço íntimo pode criar e transformar mundos a partir do encontro com outras pessoas, o encontro com um conjunto de não humanos em cidades, regiões com alguns de seus lugares, tem o dom de nos transportar para outro lugar, do sonho, da imaginação (Figura 6). Para nós, é assim em lugares como o Sítio Burle Marx, com toda sua exuberância e diversidade, com plantas gigantes que muitas vezes só vemos em filmes (ou em nossas florestas). A fantasia e o desejo de outra forma de habitar o mundo se mostram possíveis através do parque-quintal, e a nossa dimensão interna e imaginação transvendo a realidade física.

Nesse contexto, e mesmo diante de eventos extremos, a lógica do quintal (re) existe. A Paulistana lembra da (grande) chuva em Ubatuba, tromba d'água que transforma a paisagem, deixando uma série de troncos ao longo da praia. Itamambuca, que é também praia-quintal, com outras possibilidades de explorar um mesmo/outro lugar pela primeira vez (Figura 7). As transformações das paisagens ao longo do tempo nos fazem perder a familiaridade com lugares que antes habitávamos, criando um novo campo de experimentação e abrindo caminhos para outros modos de relação. Assim como o matsutake⁹ emerge nas ruínas e perturbações (Tsing, 2024), a praia-quintal

Figura 8 - Quintais dos bichos e socialidade. Acima, 2024/2025. Abaixo, 2018. Fonte: Fonte: Acervos Fotográficos das Famílias Fernandez e Azevedo.



⁹ O matsutake (*Tricholoma matsutake*) é um cogumelo selvagem e aromático, considerado uma iguaria gourmet de altíssimo valor no Japão. Em seu livro, Tsing (2024) utiliza a trajetória deste fungo, que floresce em solos pobres e florestas perturbadas pela ação humana, para estruturar sua reflexão sobre a vida e a "socialidade mais que humana" que podem persistir e criar outros mundos em meio às ruínas e precariedades do capitalismo contemporâneo.

Figura 9 - Quintais públicos e os cotidianos, entre as décadas de 1950 e 60. Fonte: Acervo da Família Azevedo.



revela que a vida e o brincar encontram caminhos de colaboração e sobrevivência nas frestas do Capitaloceno e na força da “invencionática”.

E assim, reafirmamos que a fantasia e desejo de outra forma de habitar o mundo através dos quintais. Nesse contexto, Rita Montezuma (2023) mostra a potência dos espaços físicos que denominamos como quintal para um modo de existência que contrasta com as formas de produção antropocêntricas capitalistas. Nesse sentido, os quintais ampliam a possibilidade de coexistência com outros seres (Figura 8). Quintal pode ser o lugar de sentir o sol e o vento, tocar as pedras, cuidar das plantas, brincar com bichos que nos ajudam a “voltar” para o encantamento do mundo, nosso primeiro mundo - quintais - nos oferece para viver. Essa vivência, definida por Anna Tsing como uma socialidade mais que humana: uma partilha que ensina que a socialidade entre humanos e não humanos é possível e necessária. Trata-se de reconhecer que os não humanos também são sociais e que nossos projetos de vida estão emaranhados com os deles (Tsing, 2019).

Kopenawa (que foi um contaminador dos nossos quintais) nos provocou a pensar como o Quintal pode contaminar a Cidade. Ele nos fala a partir da cosmologia Yanomami, que entende que o pensamento do “povo da mercadoria” é aprisionado e fixado na propriedade (Kopenawa; Albert, 2015), enquanto o quintal opera pela lógica da contaminação, entendida como a transformação mútua através do encontro (Tsing, 2024). Mas antes, eram os quintais resultado da contaminação da Natureza? Por esses Brasis, quantos de nós não entendíamos o “espaço exterior”, o espaço público, como (extensão de) nossos quintais?

Essa diluição de fronteiras entre o público e privado manifestava-se na lida cotidiana: no dia a dia da Cuiabá Antiga, era a pesca de lambari no Córrego da Prainha, ou os banhos no Rio Cuiabá e no Coxipó, lembranças da família toda: Vovó e três de seus cinco filhos na beira do rio, os finais de semana ou férias na casa das primas, mais banhos de rio, as brincadeiras nas cachoeiras, as manifestações de carinho e as partilhas (Figura 9). Memórias que revelam as “artes do notar” (Tsing, 2024), ao registrar uma sensibilidade para com os ritmos temporais e os fluxos da vida que resistiam à aceleração urbana que se anunciava.

Como o quintal pode contaminar a cidade?

A potência do quintal não se encerra nos limites do lote; ela transborda. Das cidades do Mato adentro às Metrópoles Brasileiras, muitas festas começam e terminam nos quintais, mas, muitas delas se expandem e contaminam as cidades. Os casamentos, procissões, as festas de santo, manifestações populares como os blocos de carnaval, são Manifestações Coletivas que transformam as ruas em quintais (Figura 10). Essa metamorfose do espaço público em território de intimidade e hospitalidade é registrada como o momento em que a “rua vira casa”. Ao contrário da impessoalidade das novas tipologias urbanas, nesses rituais, a rua deixa de ser apenas um atalho ou via de passagem (Vogel et al, 1985, p. 24), para se tornar um significante comum, regido por uma política de negociação permanente e afetiva (Montezuma, 2023).

Os quintais que habitamos abrem portais para imaginação, criação e significação dos quintais que nos habitam, que por sua vez modificam os quintais que habitamos em processo contínuo de transformação. Lembrar e atentar às miudezas e a potência dos quintais em experimentar e criar outros modos de relação nos trazem a esperança de contaminar a cidade capturada pelo Capitaloceno.

Figura 10 - Manifestações Coletivas que borram as fronteiras entre as ruas e quintais - casamento, 1950; festa, carnaval Arriano Suassunga, manifestação, 2024 e 2025. Fonte: Bruno Cardoso (abaixo à esquerda), acervos Fotográficos das Famílias Fernandez (coloridas à direita) e Azevedo (preto e branco).



Considerações que não se findam

Ao percorrer as dobras deste texto, percebemos que falar de quintais não é apenas descrever um anexo da casa ou uma tipologia de espaço livre; é, antes de tudo, exercitar uma ética do olhar. O esforço reflexivo iniciado a partir das atividades no grupo PROLUGAR + SEL/RJ ao longo de 2024, conduziu-nos a um entendimento de que o quintal é um lugar geopsíquico: uma dobra onde a memória (da infância, da vida adulta...) e a urgência política do presente se encontram em um movimento de mútua contaminação.

Os poemas de Manoel de Barros, os trabalhos de (e orientados por) Rita Montezuma, a luta por políticas públicas de segurança alimentar empreendidas por Juliana Tângari e a discussão sobre uma Rede de Parques enquanto espaços verdes e socioculturais defendida por Jacileda Santos, nos mostraram múltiplos entendimentos para o habitar dos quintais e a nossa disponibilidade para vivenciá-los. Por isso, revisitar “Os Quintais que Habitamos” nos fez repensar o quanto fomos contaminadas por essas experiências da vida à fora e o quanto, hoje, contaminamos nossas ações por essa poética dos “Quintais que nos Habitam”.

O “prest’tenção”, a “escuta”, o “olhar de perto e de dentro” tornam-se nossos caminhos de investigação, que nos ensinam que para habitar a cidade no Capitaloceno é preciso aprender as “artes de notar” as miudezas, que o capitalismo, normalmente, descarta como inútil. Nossa maturidade neste tema reside em compreender que o quintal é aquilo que insiste em viver e florescer apesar das ruínas impostas pelo povo da mercadoria.

Não nos dedicamos a pesquisas que apenas cataloguem tipos e seus aspectos físicos, mas a uma que aceite o desafio de desformar o mundo, no caminho de desnaturalizar a opressão e o silenciamento das ancestralidades para que caminhem as cidades. Significa entender que o nosso quintal é maior do que o mundo porque ele é capaz de hospedar a alteridade, a finitude dos nossos mortos, as quedas e suas cicatrizes e o riso das nossas crianças que ainda escalam janelas e desenham listras no chão com a vassoura piaçava.

Reivindicamos, portanto, o direito ao encantamento como ferramenta científica. Acreditamos que a cidade pode ser contaminada pela lógica do quintal, tornando-se um território de hospitalidade e tempos lentos, onde o encontro não seja mediado pelo valor de troca, mas pela disposição interna para a vivência. Este texto não termina aqui; ele é um convite para que cada leitor puxe o seu próprio alarme do silêncio e saia por aí a desformar o que está posto.

Afinal, se a “expressão reta não sonha”, é na sinuosidade desse lugar psíquico - dos nossos quintais- que encontramos as brechas para construir futuros habitáveis. Que nossas memórias continuem a vibrar em nossas lembranças, pois onde quer que haja uma vaquinha (de palitinhos e manga verde), ou uma comidinha (de pedra), sempre haverá a possibilidade de um novo mundo.

Nesse processo de escrita, ao lembrarmos e compartilharmos nossas experiências de quintal, transitando entre nossos mundos internos e externos, fomos compondo uma percepção ampliada sobre o quintal que se transforma a cada troca e momento. Trazendo a potência dos antigos quintais cuiabanos com sua delicadeza em memórias de um tempo mais lento, de muito carinho e afeto, muitas vezes difícil de acessar nas metrópoles (paulistas), que por sua vez, se reinventa para criar espaços quintaleiros onde não há muitos quintais (de fato), mas ainda assim, há “quintais insurgentes”, pois persiste a necessidade de lugares que possam acolher a partilha, a intimidade, a inutilidade, a resistência, a mistura, a experimentação, a criação e o encantamento,

alimentos para a invencionática.

Agradecimentos

Ao grupo de pesquisa Prolugar + SEL/RJ e aos familiares e amigos ainda presentes, fisicamente, ou em nossas memórias.

Referências

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo* [recurso eletrônico] / Manoel de Barros ; 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.

CARRO, Ester. Fazendinhando. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 15, p. 38-45, dez. 2021.

CLASEN, Carolina M. Criar o urbanismo: uma contribuição da infância para a discussão das cidades. *Oculum Ensaios*, [S. l.], v. 20, 2023. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/5285>. Acesso em: 14 out. 2024.

COSTA, Aelton, et al. A atuação dos quintais produtivos como r-existências territoriais: Experiências agroecológicas na ilha de Caratateua em Belém/PA. *REVISTA TOCANTINENSE DE GEOGRAFIA*, 2021.

DELAMONICA FREIRE, Júlio de. *Por uma Poética Popular da Arquitetura*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

DIAS, Juliana Maddalena. *Lugar Geopsíquico*. [S.l.]: Editora Alfa, 2022.

DUNKER, Christian. *A Paixão da Ignorância*. São Paulo: Contracorrente 2020

GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene. O substrato do poético em “As lições de R.Q.”, de Manoel de Barros. *Texto Poético*, v. 6, n. 9, 2010.

KOPENAWA, David. Na cidade. In: KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 421-438.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. jun. 2002, p. 11-29, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69092002000200002>. Acesso em: 24 mar. 2020.

MONTEZUMA, R. Sobre Geografia(s) e quintais. *Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II*, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 19–28, 2025. DOI: 10.33025/grgcp2.v10i20.4444. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/GIRAMUNDO/article/view/4444>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ROMEU, Gabriela; PERET, Marlene. *Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul*. São Paulo: Peirópolis, 2019.

SANTOS, Jacileda. A noção de parque em rede e a implantação de corredores verdes urbanos. In Org. TÂNGARI et al. *XVIII COLÓQUIO QUAPA-SEL: SELS E MUDANÇAS DO CLIMA*: (trans)formações, conflitos territoriais e injustiças socioambientais. Rio de Janeiro: Ed ProArq/Ed Paisagens Híbridas, 2025.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*: fundamentos técnicos e metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo*: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: n-1 edições, 2024.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas*: socialidade mais que humana. [S.l.]: Mil Folhas do IEB, 2019.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva Mello. *Quando a rua vira casa*: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. São Paulo: Projeto, 1985.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.